

**VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA**
MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



VI Jornada Brasileira de Sociologia

Modernidade e Sul Global

Outubro, 2019, Pelotas/RS

GT 1 - Teoria Social: Repensar a modernidade

A hegemonia do saber: uma análise das relações de poder no campo Psi

**VI JORNADA BRASILEIRA
DE SOCIOLOGIA**
MODERNIDADE E SUL GLOBAL

9, 10 E 11 DE OUTUBRO DE 2019



UFPEL



A hegemonia do saber: uma análise das relações de poder no campo Psi

Autor/Apresentador: Fernando Rodrigues dos Santos¹

Coautores: Alice Nunes Santo²; Benjamin Pacce³; Erik da Rosa Paulino⁴; Leonardo Roman Ultramari⁵; Filipe Silveira Zoppo⁶ e Ismael Leonardi Salaberry⁷

Resumo: As massas não necessitam dos intelectuais para saber, porém elas encontram-se dentro de sistemas de invalidação discursiva que ditam o que é ou não é um saber legítimo, e esses sistemas por sua vez são práticas totalizantes que penetram em toda trama social, reverberam por todos agentes e instituições e instauram uma hegemonia do pensamento, que tem como resultado o silenciamento dos saberes não legitimados, sobretudo os não-científicos. Veremos que dentro do campo dos saberes Psi não é muito diferente, e alguns efeitos tornam-se bastante aparentes quando vistos pela ótica discursiva da produtividade capitalista; ao fazermos uma análise das causas e sintomas dos principais diagnósticos da modernidade nos manuais psiquiátricos (TDHA, TAG e TDM), visamos evidenciar que tais critérios têm sobretudo sua fundamentação em uma lógica da reprodução do discurso produtivista. Portanto o presente trabalho visa trazer em discussão as relações de poder no âmbito do saber dos

¹ Mestrando do PPG em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Bacharel em Artes Visuais (FURG) e graduando do 6º semestre em Psicologia (FURG) - f.rodrigues-@hotmail.com

² Graduanda do 8º semestre em Psicologia (FURG) - alicenunessanto@gmail.com

³ Graduando do 6º semestre em Psicologia (FURG) - benjaminpacce@gmail.com

⁴ Graduando do 6º semestre em Psicologia (FURG) - erikrosapaulino@gmail.com

⁵ Graduando do 4º semestre em Psicologia (FURG) - leonardo.ultramari@yahoo.com.br

⁶ Graduando do 6º semestre em Psicologia (FURG) - f.s.zoppo@gmail.com

⁷ Mestrando do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Bacharel em Psicologia pela Faculdade Anhanguera do Rio Grande e psicoterapeuta ligado a Especialização em Atendimento Clínico - ênfase psicanálise - ismaelsalaberry@gmail.com

intelectuais na reprodução do discurso hegemônico capitalista através do incentivo da produtividade; em específico no campo Psi. Terá como alavanca de debate os textos *Microfísica do Poder* (1978) de Michel Foucault e *A Sociedade do Cansaço* (2010) de Byung-Chul Han; também trará como uso dialógico o filme *Alphaville* (1965) de Jean Luc Godard e o romance *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (1932).

Palavras-chave: relações de poder; hegemonia do saber, psicologia; positividade

Introdução

A hegemonia do pensamento científico na relação dos saberes é explicada pelo seu próprio mecanismo de manutenção: o método científico, é com ele que a ciência estabelece-se como dominante na hierarquia dos saberes, aquilo que pode ser testado, retestado, comparado e comprovado por dados é declarado como superior e legítimo; é interessante pautar que os saberes desqualificados nesse processo não possuem voz sobre o método de validação dos saberes: o método científico é soberano na concessão da legitimidade dos saberes, e apenas aquilo que está de acordo com suas premissas pode e será levado em consideração. A fundamentação do método científico se dá pela lógica e pela racionalidade, vindas ambas de uma longa história quase que paralela que tem como afluente a filosofia grega, sobretudo em Parmênides de Eléia na concepção de do Ser e do Um; em Platão pela busca da Verdade saindo da caverna das ilusões; e em Aristóteles com os princípios da lógica (princípio da identidade, princípio da não contradição e princípio do terceiro excluído) (MOSÉ, 2018, pg. 121) e sendo subsequentemente elaborada com rigor por Descartes em seu famoso Discurso sobre o Método; porém, como aponta Nietzsche, “a lógica-gramatical não somente diz alguma coisa, mas mais do que isto, determina o que pode e o que não pode ser dito.” (MOSÉ, 2018, pg. 122-123), o que mais adiante levaria Foucault a se debruçar e refletir sobre os saberes dominados. Dialogando com alguns destes aspectos o filme *Alphaville* (1965) trás as consequências da exacerbação da lógica-gramatical. Passando-se em um futuro distópico, *Alphaville* é uma cidade na qual através da ciência, simbolizada por um supercomputador chamado Alpha60, a lógica tornou-se soberana nas relações humanas e tudo que é ilógico ou foi eliminado, por exemplo através da remoção de palavras do dicionário, ou é considerado como ato criminoso e os infratores são executados em eventos de gala; na categoria de ilógico incluem-se os sentimentos, as artes e os desejos.

É nesse contexto que Foucault nos fala sobre uma mudança necessária no campo do saber, a solução proposta seria através da prática de anticiências — visto que não é através de uma ciência mais ‘atenta’ que tornar-se-ia possível dar voz aos saberes desqualificados (FOUCAULT, 2017, pg. 268), pois estabelecer-se-ia aí uma relação de dominação entre quem dá a voz e quem fala; o mecanismo proposto das anticiência seria a genealogia dos saberes:

“A genealogia seria portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes, próprios à ciência, um empreendimento para libertar a sujeição os saberes históricos, isto é, torna-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico”(FOUCAULT, 2017, pg. 269-270)

O que que estamos investigando aqui são as relações da hegemonia do saber dentro do campo Psi, mostram-se não tão diferente do que já foi elencado, já que estamos inseridos nos circuitos científicos com os mesmo mecanismos. Nesse campo alguns efeitos tornam-se bastante aparentes quando vistos pela ótica discursiva da produtividade capitalista, ou melhor, como coloca Byung-Chul Han, de um *excesso de positividade* (HAN, 2010), ótica que muito tira proveito da legitimidade do saber científico; ao se fazer fazer uma análise das causas e sintomas dos diagnósticos nos manuais psiquiátricos, pode-se analisar tais critérios tendo parte da sua fundamentação em uma lógica produtivista (que também é excludente da diferença); e um outro aspecto que toca especificamente a psicologia é pelo uso dos testes psicológicos, a qual gostaria de contribuir com no debate desses por um viés crítico e para isso trago um ponto relativo à relação de poder, primeiro que entendo relação de poder aqui segundo o definição de Foucault : “uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes” (FOUCAULT, 1995, p. 238), a partir dessa definição é possível perceber a enorme relação de poder que existe numa situação de testagem, ou qualquer outra forma de exame ou avaliação, visto que o avaliador (o psicólogo), através da sua ação, é capaz de mudar todo o rumo de ações da vida do avaliado, afinal ser tachado de ‘louco’ na atual concepção de doença mental da nossa sociedade, especialmente do Brasil, é um grande fardo e não é facilmente (se é possível de ser) esquecido. É sempre importante estar ciente da nossa posição de poder frente a um paciente, seja na clínica, seja ao aplicar um teste em um ambiente escolar e

etc; porém parece-me que o teste é totalizante, não abre espaço para um apagamento (parcial ao menos) dessa relação de poder, pois a fidedignidade do teste pauta-se na sua objetividade e cientificidade e trás consigo uma verdade inexorável a quem é submetido a ele.

O que nos leva a outro ponto importante de considerar, aquilo que Foucault chama de efeitos positivos do poder, pois o poder “produz efeitos positivos no nível do desejo — como se começa a conhecer — e também no nível do saber.” (FOUCAULT, 2017, pg. 239), do contrário o poder seria fraco, agindo apenas pela e para a negação (repressão, censura, exclusão, ...), um desses efeitos positivos do poder são os modos de subjetivação no nível do saber, o saber hegemônico do campo Psi cria caminhos para aqueles submetidos a esse, identificamo-nos com os resultados desse saber, dizemos ‘Sou depressivo’, ‘Meu filho tem TDHA’ e dentre outras coisas, e isso trás consigo novos modos de viver muito específicos e com certas formas de agir também relativas a esse saber — são pautados em uma verdade do sujeito que está fora do seu saber. O saber não só interdita aquele dito ‘doente’ mas ele também cria modos de viver esperado para aquele que está submetido pois trata-se de um saber identificado sobre/pelo sujeito. Quanto à relação do desejo a análise proposta por Han trás outras questões interessantes, a busca da produtividade do capitalismo não é vista por ele mais como um esforço que, por exemplo, um funcionário deve exercer para cumprir metas impostas pelo patrão do contrário sofrerá represálias (o que Han chama de negatividade), mas sim que tais metas são impostas por/a todos os agentes do sistema capitalista como desejos pessoais, “[...] a queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (HAN, 2010, pg. 29-30); ou seja, no nosso exemplo, o funcionário deseja tais metas pois assim irá se destacar, alcançar melhores cargos, ter uma vida melhor e sobretudo enriquecer; visto em passant, todos estes são motivos razoáveis para adotar uma atitude de exaltação da positividade, e como pode-se perceber todos estes envolvem um “ser mais” ou “ter mais”, fortemente representante da modernidade tardia, a título de exemplo no caso da depressão Han trás que

“A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a

uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adocimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (HAN, 2015, pg. 29).

No romance *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley versa sobre uma sociedade na qual a lógica da produtividade é levada às suas últimas consequências. Nela, os sujeitos têm sua subjetividade constituída desde o nascimento de modo a aderir a funções produtivas específicas dentro de um sistema sociopolítico, e este projeto é estabelecido de tal maneira que mesmo o desejo é assujeitado e induzido à sua inserção; trata-se de uma sociedade na qual o entretenimento é irrestrito, o sofrimento solapado, a estabilidade o lema, o prazer a regra, e na qual até mesmo os desviantes têm lugar. Um elemento da trama que possui importância fundamental na constituição, manutenção e perpetuação deste modo de vida é o “soma”, uma espécie de substância narcótica capaz de alterar o estado mental da pessoa que a ingerir, provocando o esquecimento e a substituição de qualquer desconforto ou sentimento negativo por uma sensação temporária de extremo prazer. A suposta importância que um elemento como este possui para, como dito anteriormente, fundar, manter e perpetuar aquela forma de sociedade é mostrada através de pelo menos dois fatores: primeiramente, pela frequência das situações em que seu consumo se torna “necessário”, uma vez que, frente a qualquer forma de sentimento negativo, incluindo-se aqui, por exemplo, o questionamento existencial, ingerir a substância é um imperativo para todos os personagens, e isto contribui para que os laços estabelecidos se mantenham sem complicações e divergências; e em segundo lugar — mas não em menor grau de imprescindibilidade que o aspecto supracitado e estando, inclusive, indissociavelmente ligado a ele — o fato de que, consoante a Foucault (2017, pg. 139), a percepção e a denúncia de contradições e inconsistências nas relações entre as pessoas, ou entre elas e os mecanismos de dominação e exercício do poder, são um primeiro passo no sentido de uma inversão deste ou de uma luta contra ele, e neste sentido a função do “soma” se dá precisamente apagando qualquer possibilidade de descontentamento dos agentes frente às situações em que aquela formação social se mostra falha. Talvez se pense, em alguns casos, que Huxley pintava um cenário distópico longe de qualquer proximidade com nossas vivências cotidianas; no entanto, o *Admirável Mundo Novo*

guarda e ao mesmo tempo explicita uma série de similaridades com a sociedade em que viveu o autor, e mais ainda com a de nossos tempos: também nossa sociedade prescreve seus “somas”.

A sociedade do cansaço e seus efeitos nos sujeitos do desempenho

Logo nas primeiras páginas de “A Sociedade do Cansaço” Han denuncia que “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDHA), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (HAN, pg. 7).

Em sua análise o século passado foi marcado pelo paradigma imunológico, caracterizado pela negatividade, por instituições que diziam não, um embate violento à alteridade. A lógica do ataque-defesa; eu-outro. A reação imunológica se dá pela negatividade como diz Han:

“O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar aquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro” (HAN, 2014, pg. 13).

Já o início do século XXI caracteriza-se por uma época neuronal que doenças como a depressão, TDAH, SB dentre outras, vem ganhando destaque. O que define o paradigma neuronal de nossa época é o esvaziamento da alteridade que, atualmente, cede lugar à diferença, a qual já não provoca uma reação tão violenta, pois lhe falta uma substância da ordem do estranho. A mudança de paradigma na pós-modernidade gerou uma economia pobre em negatividades e em grande medida os adoecimentos neuronais de nosso século podem ser pensados como efeito de tanto de uma falta de negatividade como, e principalmente por, um excesso de positividade (HAN, 2014).

A violência viral segue dentro da lógica do sistema próprio-outro, mas já não é capaz de descrever enfermidades neurais como a depressão, TDAH e SB. Esse tipo de violência neuronal não faz parte de uma negatividade que ameaça o sistema, mas é uma violência imanente ao sistema (HAN, 2014).

Síndrome de Burnout: Uma afecção da produtividade neoliberal

Freudenberger (1974) escreve o artigo que é considerado o responsável pela inserção da discussão da SB no âmbito científico. Analisando uma equipe de trabalhadores que ele identificava como imerso num processo gradual de diminuição da motivação e esgotamento emocional. A psicóloga social Christina Maslach elabora um instrumento que hoje é o mais usado no mundo para avaliar a SB nos indivíduos. O diagnóstico se baseia numa sintomatologia tríplice: exaustão, despersonalização e baixa realização profissional (MASLACH; JACKSON; LEITER, 1996). No Brasil, o Ministério da Saúde inclui em 1999 a “Sensação de Estar Acabado” na lista de doenças relacionadas ao trabalho característica da SB ou, como chamada por vezes no Brasil, Síndrome do Esgotamento Profissional (BRASIL, 1999).

Podemos encontrar que a SB se mostra em relação ao sujeito que sofre, mas também em relação a demanda do capital:

“A SB compreende uma experiência subjetiva que provoca sentimentos e atitudes negativas no relacionamento do trabalhador com a sua atividade, ocasionando um desgaste físico e mental que se associa a insatisfação e perda do comprometimento nas relações pessoais e profissionais, *trazendo consequências indesejáveis* para o indivíduo e *a organização onde trabalha*. Consequentemente, isto poderá gerar *baixo rendimento e/ou produtividade, aumento do número de faltas e abandono do emprego*” (grifos nossos) (ALVES, 2017, pg. 6).

Também encontramos a SB ligada a incapacidade do indivíduo de lidar com o estresse, livrando assim as atribuições ao sistema de produção do capitalismo e ao excesso de positividade incentivado pela sociedade moderna: “Nós concluímos que a causa do Burnout não está diretamente relacionada com o ambiente hostil ou outras condições, mas à *inabilidade* de lidar com a impotência nas condições de trabalho.” (grifos nossos) (DA COSTA, TEIXEIRA, BEZERRA, 2015, pg. 1).

O que o Han propõe a nós é que pensemos essa crescente de certas formas de sofrimento psíquico na sua relação com o capitalismo neoliberal e a exigência, a partir desse sistema de produção, de um “sujeito do desempenho”. É esse sujeito que padece dessas patologias marcantes do século XXI. Devemos notar que antes existia uma tecnologia do poder marcada na disciplina e docilização dos corpos em função de uma lógica produtiva. Agora se impõe uma nova tecnologia do poder que, sem deixar totalmente a outra de lado, se utiliza da própria demanda de liberdade gerada pelo

excesso de negatividade própria da sociedade disciplinar para maximizar ainda mais a produção. O sujeito do desempenho é seu próprio carrasco, o capitalismo moderno compreende que a autoexploração é muito mais eficaz do que a exploração do outro. O sujeito do desempenho dominado pelo excesso de positividade se leva ao cansaço, a exaustão e ao adoecimento, “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.” (HAN, 2014, pg. 24-25).

As narrativas mais populares dos discursos Psi tendem a fechar o sofrimento do sujeito em si mesmo, delimitando em seu próprio corpo (biologia) ou em sua própria mente ou mundo anímico (vivências subjetivas). Essas narrativas inscrevem o sofrimento do sujeito fora do tecido social, desresponsabilizando a sociedade de sua relação com a produção da loucura. Esses discursos delimitam as formas de sofrer que são socialmente aceitas, determinam o lugar onde podem ser expressadas e como podem ser expressadas. E apontam também para uma medicalização que nos faz pensar mais sobre seus efeitos paliativos ou de *doping*, de neuro-enhancing, do que realmente seus efeitos curativos.

Como apontado pelo psicanalista Christian Dunker (2015), não há até agora, nenhuma testagem, método de neuroimagem ou exames biológicos que comprovem a presença ou ausência de um transtorno mental. Parece não haver uma relação biológica além de ilustrações e comparações. Acreditamos que os esforços de Han nos leva a compreender esse sofrimento psíquico na sua expressão de um sofrimento social ainda não reconhecido, que denuncia algo de um funcionamento social que esses discursos não estão considerando.

Alguns apontamentos e possibilidades

Dessa transposição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho podemos ressaltar que se podemos transpor algo de teorias desenvolvidas por tais autores europeus a realidade brasileira, é por de certa forma nossa sociedade ser fortemente marcada por uma dominação efetuada por uma matriz colonial de um sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno europeu (GROSFOGUEL, 2008). Tendo em nossa realidade fenômenos em certo grau, similares por resultado dessa dominação.

As formas de controle e de coerção presentes concomitantemente no Brasil, tanto formas de poder atuantes pela negatividade de um paradigma imunológico em decadência tanto quanto a coerção diluída de um excesso de positividade em ascensão das novas ondas de discursos científicos Psis. Esses discursos trazem implicações, um poder mais difícil de ser enfrentado, um discurso que se protege não só em uma cientificidade mas em um tipo de sujeito, incapaz de diferenciar, desgastado e acelerado mas não só isso, mas também a decadência do belo, a decadência do sentido e do sagrado.

Em meio ora a coerção máxima de um Eu dilacerante ora a coerção de ter sua vida negada por uma violência institucional, recorte esse fortemente marcado pelo local social ocupado pelo corpo. Perdemos sim novas possibilidades, perde-se o belo. E com o belo trazemos a proposta de Han na qual o belo e o livre andam juntos, a beleza está justamente naquilo que não é utilitário. Partindo de um pressuposto aristotélico Han diz:

“Para Aristóteles, o homem livre é alguém independente das necessidades da vida e de suas coações. Ele tem à disposição três formas de vida livre: Primeiramente a vida que se volta ao gozo das coisas belas, depois, a vida que produz belos atos na polis, e por fim a vida contemplativa, que se conserva na investigação daquilo que não passa, se mantém no âmbito da beleza perene. Segundo isso, são livres os poetas, os políticos e os filósofos..” (HAN, 2019, pg. 119).

Nesse ínterim, em que os discursos psicológicos hegemônicos não se percebem dentro desse esvaziamento de sentido, em que muito se reforça nas entrelinhas o romance do sujeito autodeterminado e dono de si, o sofrer torna-se cada vez mais patologizado e ao mesmo tempo medicalizado. O “soma” é vendido aos montes, subjetividades ora se auto dilaceram ora são dilaceradas, sujeitos em guerra sofrem de uma negatividade muitas vezes fatal e são silenciados. E por outro lado, aqueles que não estão em guerra com uma alteridade, são levados a uma guerra consigo mesmos. Estamos todos em guerra e estamos todos perdendo.

Por conta disso tudo que foi dito, parece fazer-se necessário três ações/transformações: primeiramente de uma ‘tomada de consciência’ dos mecanismos de relações de poder em efeito na constituição das subjetividades, tanto daqueles que

reprimem, limitam e castram, como daqueles que incentivam, motivam e seduzem — perceber o peso que carregamos, obrigatória ou voluntariamente; secundamente de um posicionamento *combativo* frente a lógica do mercado capitalista que faz-se confundir com os desejos pessoais e sociais, que levam o sujeito moderno a estar em guerra consigo mesmo e em guerra com seus pares por conta de uma competitividade exacerbada — lutar contra todos grandes ‘tu deves’, ser capaz de rugir um santo NÃO; e finalmente tornar-se aberto a possibilidade de vivências múltiplas, sem *a priori*, que seguem seus desejos e seus valores, fora de lógicas sedativas, disruptivas, aniquilantes e sobretudo totalizantes — de voltar a ser criador e poder brincar com as próprias criações, de ser capaz de esquecer. Em síntese, o que precisamos é passar pelas transformações aconselhadas por Nietzsche em Assim Falou Zaratustra no discurso “Das Três Transformações”:

“Há o quer que seja pesado? — pergunta o espírito sólido. E ajoelha-se igual camelo e quer que o carreguem bem. Que há mais pesado, heróis — pergunta o espírito sólido — *para eu ditar sobre mim*, para que a minha força se recreie?

Não será rebaixarmo-nos para o nosso orgulho padecer? [...]

O espírito sólido sobrecarrega-se de todas estas coisas pesadíssimas; e à semelhança do camelo que corre carregado pelo seu deserto, assim ele corre pelo seu deserto. [...]

Criar valores novos é coisa que o leão ainda não pode; mas *criar uma liberdade para a nova criação*, isso pode-o o poder do leão. Para criar a liberdade e um santo NÃO, mesmo perante o dever; para isso, meus irmãos, é preciso o leão. [...]

Dizei-me, porém, irmãos: que poderá a criança fazer que não haja podido fazer o leão? Para que será preciso que o altivo leão se mude em criança?

A criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação.

Sim; para o jogo da criação, meus irmãos, é necessário uma santa afirmação: o espírito quer agora *a sua vontade*, o que perdeu o mundo, quer alcançar *o seu mundo*. Três transformações do espírito vos mencionei: como espíritos se transformava em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança” (grifos nossos) (NIETZSCHE, 2004, pg. 36)

REFERÊNCIAS

- ALPHAVILLE. Direção: Jean-Luc Godard, Produção: Athos Films. Paris (FR), 1965.
- ALVES, M. E.. SÍNDROME DE BURNOUT. *International Journal of Psychiatry*., Porto Alegre, v.22, n.9, Set. 2017. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/ano17/art0917.php>. Acessado em: 15 Set 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1339 de 18 de novembro de 1999.
- DA COSTA, S., TEIXEIRA, L., BEZERRA, L.. Burnout at Work in Modern Times. *Journal of Clinical Medicine Research, North America*, 7, aug. 2015. Disponível em: <https://www.jocmr.org/index.php/JOCMR/article/view/2281>. Acessado em: 15 Set 2019.
- DUNKER, CHRISTIAN. Mal-estar, sofrimento e sintoma. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- _____. Como se exerce o poder? In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1955.
- GROSGOUEL, R.. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista crítica de ciências sociais*: 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/697>. Acessado em: 15 Set 2019. DOI: 10.4000/rccs.697
- HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2014
- MASLACH, C.; JACKSON, S. E.; LEITER, M. P. *Maslach burnout inventory manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist's Press, 1996.
- MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a Grande Política da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2004.